



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Novembro de 2012, nº 159



HOKHMAH, A DEUSA HEBRAICA DA SABEDORIA

 Mirella Faur

“... Eu existo desde o início, antes da terra ser criada, quando nada havia, nem abismos, fontes de água, montanhas, florestas, colinas, campos ou desertos. Quando o Senhor firmou os céus e estabeleceu as profundezas eu já existia, quando ele criou as nuvens e os rios eu estava lá; quando ele ordenou aos mares lhe obedecer e quando fez as fundações da terra, eu estava ao seu lado como sua parceira e com ele partilhei as alegrias ao lado dos filhos dos homens”...

Livro dos provérbios, 8:22-31

l números textos da bíblia hebraica (“Os livros da sabedoria”) descrevem Hokhmah, “a Sabedoria feminina”, de forma complexa e desafiadora, dando origem a inúmeras interpretações e controvérsias por desafiar o conhecido monoteísmo judaico. Ela – assim como Yahweh (Jeová) - era invisível e transcendente, sua origem retrocedendo ao “início dos tempos antes da Terra existir”. Mas também era imanente, pois além de consorte de Deus e construtora do universo, ela fazia parte da criação e “caminhava no meio da humanidade”. A controvérsia gira em torno da sua aparição, vista ora como primeiro ato de criação de Deus, ora como entidade pré-existente, herdeira de Zoé, arquétipo da própria existência. Filósofos modernos argumentam que a Sabedoria representa a ordem oculta do mundo, sendo uma lei cósmica, um pré-requisito da criação e, portanto, percebida e reconhecida por Deus, mas sem ser por ele criada.



8.22-31) apresenta Hokhmah pré-existente a toda a criação e as belas imagens nos conduzem da terra e dos abismos até os mananciais de água, com a elevação pelas montanhas e colinas até o céu. Contemplando do firmamento a abóbada que se ergue sobre o abismo o poema mostra a presença da Deusa nas origens do universo, junto com Yahweh, ambos sendo artesãos da criação. Hokhmah participa ao lado de Yahweh durante toda a criação, como uma grande artista partilhando de uma prazerosa parceria. O imenso prazer de criar transparece no texto e Hokhmah termina sua missão “dançando diante de Yahweh,

dançando no universo, a sua obra, e deliciando-se com a humanidade”. Em contraste com o castigo do trabalho (“com o suor do teu rosto comerás teu pão”) apresenta-se a atividade divina da criação marcada pela liberdade criativa, pela beleza e a dança final. No último capítulo (31.10-31) aparecem claramente as figuras da mulher sábia e da mulher forte, como facetas de Hokhmah e funções que constroem e mantêm a casa e influenciam o espaço público. Desta maneira, há uma contraposição entre alguns provérbios androcêntricos e misóginos e a redação final que reconhece a verdadeira natureza da sabedoria. Metaforicamente, a sabedoria é a parceira

No Velho Testamento Hokhmah é uma presença feminina toda-abrangente, porém invisível, parceira e companheira de Yahweh e suavizando assim a religião patriarcal dos hebreus. O poema da criação (Provérbios

de Deus cooperando com ele, Mãe da humanidade, força divina e criativa que originou e continua a permear o cosmos. Mas antes de tudo, através dos ensinamentos de sabedoria que ela personifica, é a voz divina cujos convites para vir aprender dela indicam um caminho para alcançar a plenitude da vida. Foi Hokhmah que projetou sua força sobre as águas primordiais, acalmando-as para que a criação pudesse continuar. Ela doou a consciência aos seres humanos, pois até que eles recebessem a chama do espírito, eles rastejavam como vermes sobre a terra.

Símbolos antigos ligados ao feminino divino e à sabedoria

A ideia de que “a ordem visível da criação faz parte da fonte invisível do ser” é um legado das culturas de Mesopotâmia, Canaã e Egito, onde o culto da Deusa antecedeu por dois milênios a civilização hebraica e grega. A própria tradição hebraica contida nos “livros da sabedoria” é tecida com os fios destas tradições antigas, apesar de não preservar nomes ou representações destas deusas. Percebe-se como a arcaica necessidade psíquica pelo feminino foi honrada de uma forma ou outra em cada época, apesar das decisões e esforços dos sacerdotes para excluí-la. Os livros mais antigos da Bíblia que falam sobre Sabedoria - baseados em compilações de textos arcaicos da Suméria, Babilônia e Egito - preservam as qualidades de sabedoria de deusas como Nammu, Inanna, Cibele, Ísis, as “Rainhas do céu e da Terra”, que antecederam por dois milênios a cultura hebraica e grega. A beleza da imagem do abismo insondável lembra o mito de Nammu, a deusa sumeriana cujo ideograma era o mar e da deusa babilônia Danuna, mãe de Marduk, que morava nas profundezas junto com seu consorte Oannes, deus da sabedoria.

Ecos dos poemas sumerianos e egípcios são percebidos na beleza das descrições de flores, fontes, árvores, rios, colinas e campos. O significado das imagens é transcendente, mas a presença poética é sem dúvida imanente, lembrando a plenitude das deusas dos tempos antigos. As muitas qualidades de árvores citadas nos poemas (cedro, cipreste, palmeira, figueira, oliveira e macieira) são encontradas nos jardins dos templos das Deusas, desde o neolítico. A videira era ligada à Deusa e ao seu filho, aparecendo nos mitos da Suméria e Babilônia, onde Inanna era regente



do céu e da terra. Na associação da luz com sabedoria, o antigo poder de Inanna brilha através da figura de Hokhmah, assim como a presença do brilho lunar lembra os versos dedicados à deusa Inanna: “Pois ela é mais linda do que o Sol e acima do brilho das estrelas; comparada com a luz ela lhe é superior.” (texto apócrifo do Livro da Sabedoria 7:29). Muitas destas imagens e atributos constituíram a base dos textos do Velho Testamento, em que a Sabedoria aparece como uma árvore com frutos, um manto que envolve e protege, uma figura velada e misteriosa, antigos símbolos míticos das divindades femininas. As leis sumerianas da sabedoria (Me) e o código da deusa egípcia Maat continham na definição da sabedoria muitos dos conceitos que foram atribuídos às leis divinas expressas por Hokhmah, como: verdade, conhecimento, justiça, compreensão, compaixão.



A literatura mais antiga da Bíblia – “O Livro dos provérbios” - escrito no século IV a.C. era uma compilação de textos antigos da Suméria, Babilônia e Egito. Assim como as antigas deusas a Sabedoria Hebraica é virgem, se renovando eternamente e sendo prezada acima de todas as riquezas: “Meus frutos são melhores do que o mais precioso ouro e minha recompensa vale mais do que a prata”. (Provérbios 8:19). Os poemas sobre a sabedoria personificada nos Provérbios 8, formam um conjunto simbólico que ajuda compreender a situação social e cultural das mulheres hebraicas no período pós-exílio. No primeiro poema em que Hokhmah se apresenta, ela aparece nos lugares públicos (ruas, praças, encruzilhadas e portas da cidade) e promete “derramar o seu espírito sobre aqueles que querem se converter, lhes comunicando suas

palavras". Esta expressão demonstra que neste texto Hokhmah é apresentada como uma figura feminina falando como Yahweh. Outro texto compara Hokhmah a uma "Árvore da vida", lembrando Asherah - uma antiga deusa do Canaã - e a árvore bíblica do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2.9;3:22). As duas tradições juntas relacionam Hokhmah com a simbologia importante do imaginário religioso do povo hebraico. O capítulo 8 é o auge da elaboração de Hokhmah como uma mulher, que não se dirige apenas ao seu povo, mas à toda a humanidade ("os filhos de Adão").

Como princípio espiritual e força transcendental, Hokhmah é a mediadora entre Deus e o mundo e proporciona à humanidade a sua redenção. O seu surgimento - do abismo profundo, sinônimo do ventre primordial, de uma Deusa Mãe - confirma a sua origem e natureza feminina sendo coparticipante no processo da criação. A natureza de Hokhmah é a própria Lei da Vida, mescla de amor e conhecimento, que traz à humanidade tanto a alegria, quanto o sofrimento. Ela é o espírito invisível que guia a vida dos humanos e depois de erguer sua casa sobre os pilares da sabedoria, os convida através das mulheres a participarem da sua hospitalidade, comerem do seu pão e vinho e buscarem seus conselhos, como é descrito nestes versos:



"...A sabedoria construiu Sua casa sobre sete pilares, preparou uma farta mesa e enviou Suas mulheres para convidar aqueles que queriam ter o conhecimento para compartilhar do seu pão e do seu vinho."

(Provérbios 9:1-6).

"...Saibam que não dedico meus esforços apenas para mim, mas para todos aqueles que buscam sabedoria. Meus pensamentos são mais amplos que o mar e meus conselhos mais profundos que o grande vazio..."

(Livro de Ben Sirach 24:3-6)

"...O primeiro homem não a conhecia totalmente e o último não irá encontrá-la, pois seus pensamentos são mais profundos do que o mar e seus conselhos mais desafiadores do que o grande abismo." (Ben Sirach 24:28-9).

Sabedoria e o número 7

Nos textos sobre a Sabedoria, ela aparece como mãe e consorte de Deus, personificação da luz, tanto da fundação da criação, quanto da forma que ela assume, sendo a lei oculta que cria a ordem. Hokhmah é descrita como o poder vital na natureza e na vida humana, enraizada nas árvores, terra, água e nas moradas humanas. Ela é juíza e salvadora (Enoch 91:10 e 92:1), intercedendo para salvar seu povo, assim como Ishtar intercedeu na iminência do dilúvio. Ela é o espírito invisível que guia a vida humana e que pode ser descoberta por aqueles que procuram sua orientação e auxílio. A Sabedoria foi associada ao número sete, que é ligado aos planetas antigos, às cores do arco-íris, às portas que devem ser atravessadas para o mundo subterrâneo e aos seus guardiões, os pilares que sustentam a sua casa. Esta tradição numérica foi perpetuada no gnosticismo pelos sete Senhores Planetários que regem as dimensões entre o mundo e a fonte da luz.

A mudança da representação metafórica da sabedoria no judaísmo, personalizada nos textos posteriores (hebraicos, gnósticos, cabalísticos e helenísticos) como Espírito Santo e Logos foi embasada em distorções e confusões de palavras e gêneros na língua hebraica e grega. De Hokhmah - palavra feminina em hebraico - chegou-se ao termo grego neutro Hagion Pneuma e ao masculino Logos, depois ao conceito latino e masculino do Spiritus Sanctus, apesar da sua imagem ser a pomba, totem da Deusa Mãe. A transição da Sabedoria como atributo da Mãe Deusa até sua transformação no Espírito Santo dos evangelhos gnósticos e cristãos aparece nos Livros dos provérbios (400 a.C.), Ben Sirach (200 a.C.), O canto de Salomão, o Livro de Enoch (100 a.C.). Estes livros marcam a transição do tempo quando a sabedoria era um atributo e aspecto da Deusa Mãe para o período quando ela se torna Espírito Santo, a luz que guia a alma personificada por Cristo nos evangelhos cristãos e gnósticos. Nesta transição, a imagem telúrica da Deusa foi perdida, Hokhmah sendo

identificada com a noção abstrata da sabedoria de deus e separada da imagem do divino feminino. À medida que o arquétipo feminino perdeu sua ligação com a Deusa (que incluía aspectos celestes e telúricos) as mulheres foram denegridas, sendo sombreadas pelo pecado de Eva.

No livro de Ben Sirach o conceito universal da sabedoria é deturpado e reservado somente ao povo israelita: "a sabedoria é criada da boca do Altíssimo, que fez sozinho a abóbada celeste, os mares e a terra e que lhe determinou morar somente em Israel" privando assim o resto da humanidade dos benefícios da sabedoria. A real fonte da compreensão intelectual, do esforço e da realização foi transformada no livro de Torá, que à sua vez passou a ser declarado o receptáculo hebraico da própria sabedoria, identificada pelo Logos, a palavra e reservado apenas aos homens. A jornada da sabedoria da Terra para o céu foi descrita desta forma: "A sabedoria tentou fazer sua morada no meio dos filhos dos homens, mas não encontrou lugar para ficar e retornou à sua origem, entre os anjos" (Livro de Enoch, 42:1). Como punição pela perda, as pessoas comuns não mais podiam reverenciar sozinhas as leis da natureza, que iriam ser interpretadas por mestres, sacerdotes, padres e homens de lei, os únicos autorizados a compreender os escritos sagrados. A Torá foi vista como escrita pelo próprio Deus e a natureza feminina e universal da sabedoria foi abolida.

Dissociação da mulher à imagem da Deusa

Reflexos da Hokhmah hebraica são encontrados nos hinos órficos, 80 poemas que honravam várias divindades gregas, atribuídos a Orfeu e usados em rituais entre 300 a.C. e 500 d.C. Independentemente dos seus nomes, as deusas honradas eram manifestações da Grande Mãe, o princípio divino feminino universal, existente e manifestado nas leis da natureza, conhecido como Hockhmah ou Sophia, a Sabedoria, com os mesmos atributos e qualidades citados nos livros hebraicos. Todavia, a mudança

histórica do sagrado feminino para o monoteísmo patriarcal levou aos poucos ao esquecimento e diminuição de status das Deusas do Oriente próximo e da Grécia, antes cultuadas e honradas. Expandindo a noção da divindade acima da compreensão humana, a sabedoria perdeu seu aspecto telúrico, a mulher foi dissociada da imagem da Deusa e passou a ser menosprezada como manifestação do pecado e do mal. Espírito e natureza tornaram-se polaridades opostas e simbolizadas pela Hokhmah celeste e a Eva terrestre.



Com o advento do cristianismo, o arquétipo feminino foi totalmente eliminado da ligação com o divino, a matéria decretada inferior ao espírito, o atributo de sabedoria associado com Jesus e depois transformado na terceira figura da trindade masculina, o Espírito Santo. A conexão entre Sophia, a Mãe Divina e seu filho Cristo é perdida, Jesus nasce como filho de Deus Pai e de Maria (simples mortal) e assume as qualidades de Sophia, a sabedoria passando a ser atributo masculino. Hokhmah hebraica ou Sophia gnóstica são totalmente negadas como aspectos divinos femininos e jamais é feita alguma menção à sua existência prévia nas escrituras cristãs.

A sabedoria é personificada por Jesus como o mediador entre o plano divino e material

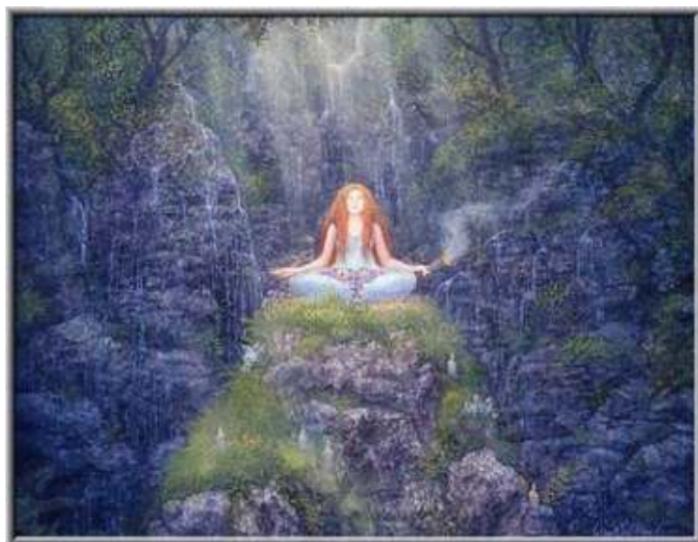
e cuja missão era salvar as almas e não mais orientá-las para se tornarem "moradas da sabedoria". Jesus, apesar da sua associação pelo apóstolo Paulo com os atributos e títulos da sabedoria, nunca afirmou ser ele a Sabedoria Divina. O enfoque passou a ser a salvação, conseguida ao pertencer ao cristianismo, que privou assim a alma da união mística do criador com a criação, separando os processos físicos, mentais e espirituais e levando ao distanciamento da natureza e à inferiorização da mulher. A igreja ortodoxa preservou por um bom tempo o título grego de Sophia como sendo a sabedoria divina (Hagia Sophia) dedicando-lhe inúmeras igrejas, inclusive a basílica bizantina. Santa Sofia foi uma adaptação da Grande Mãe gnóstica simbolizada pela pomba de Afrodite e depois transformada no Espírito Santo.

Por ser a natureza desvalorizada na comparação com a salvação e as mulheres sendo a ela associadas, surgiu a

doutrina do controle e autoridade masculina, a dominação do mundo material e a exploração das mulheres. Esta teoria foi reforçada pela culpa atribuída à mulher pelo pecado original e a origem dos males no mundo. A demonização das mulheres e da natureza enfatizou a supremacia masculina, divina e humana, premissa que incentivou as horrendas e cruéis perseguições da Inquisição na Idade Média.

A conexão para o despertar da sabedoria

A Deusa nos chama nos dias de hoje em milhares de formas, pedindo que ouçamos sua voz de amorosa sabedoria nos sonhos e visões e vendo sua imagem em tudo que nos cerca. A grande tarefa espiritual para os seres modernos é "conhecer" novamente a Presença Feminina Divina em toda a criação e em nossas próprias almas. Somente assim poderemos intermediar as qualidades curadoras do feminino para superar a divisão que nos separa de nossos verdadeiros eus, dos outros seres humanos e da Terra. O que importa para nós mulheres é lembrar que a sabedoria (Hokmah ou Sophia) é uma energia divina feminina, mediadora entre o céu e a Terra, que detém e compartilha o conhecimento universal do Logos e da sabedoria ancestral. Ela existe em todas nós mulheres e agora chegou a hora de prestar atenção à sua voz e agir de acordo com as leis da natureza, onde é sua morada, buscando inspiração, conhecimento intelectual e sintonia espiritual. Quanto mais conscientes agirmos na nossa vida, mais poderoso e recompensador será o conhecimento que encontraremos fruto da árvore da sabedoria e da verdade. Conscientes do nosso poder e da habilidade de criar, poderemos assumir nossa condição inata de Filhas da sabedoria, sacerdotisas da dança sagrada da vida e da Terra, artesãs dos nossos sonhos e realizações, reconhecendo e honrando a unidade e a interdependência da luz e escuridão, silêncio e palavra, razão e intuição, Espírito e matéria.



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Ciranda Bossa Nova", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Décima Primeira Lunação: *Mãe Guardiã da liderança e dos nossos caminhos. A mulher que anda com firmeza.*

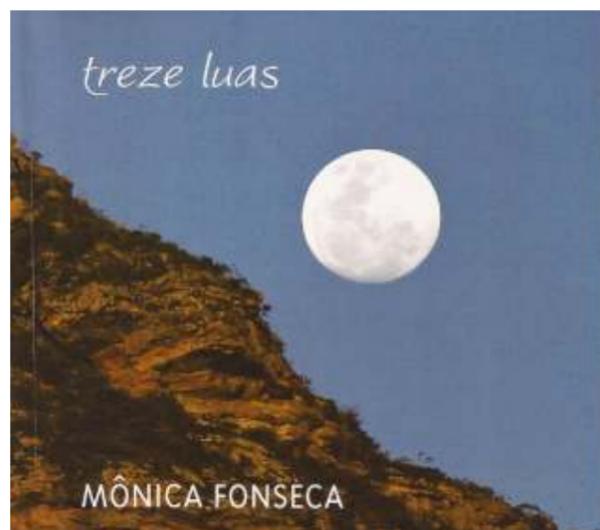
Ciranda Bossa Nova

A vida me leva numa ciranda
Nas ondas do mar
Num vai-e-vem que me ensina
A hora de ir, de voltar

A vida me embala de mansinho
Ritmo, pulso, coração
Uma dia o silêncio, noutro festa
Lua brilhando, imensidão

Madurar, madurou
Descansar, descansou
A lua girou
A flor se abriu
A cigarra cantou

É agora que eu vou rodar
É agora que eu vou dançar
Brincar leve
Que a vida é um balanço gostoso
Um cirandar



* Para saber mais sobre a Lenda das Matriarcas das 13 Lunações, consulte o Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur, Editora Gaia, e <http://teiadethea.org/?q=node/44>

** O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

As 16 qualidades de Oxum

Em conexão com o Workshop para Reverência às Mães Ancestrais Africanas, conduzido por Mirella Faur no próximo dia 8 de dezembro, o Deusa Viva traz as 16 qualidades de Oxum, Deusa iorubá regente dos rios, cachoeiras e amor



1. Abaló, a mais velha de todas, é a mãe das profundezas dos rios;
 2. Ayalá (Iyanlá), velha e avó, foi esposa de ogum ferreiro, poderosa e guerreira;
 3. Ijumú, entre todas reina como soberana, mantém relação com as iyá-mi (as mães pássaro e famosas feiticeiras);
 4. Oxogbó, protetora das mulheres e parturientes, padroeira da cidade de osogbó;
 5. Apará, a mais jovem e guerreira, reside na superfície dos rios;
 6. Ogá, velha e briguenta;
 7. Yeyé Olokó, vive na floresta;
 8. Yeyé Ipetú, guerreira e caçadora;
 9. Yeyé Karé, guerreira e caçadora, usa arco e flecha;
 10. Yeyé Onira, guerreira e caçadora (uma qualidade de lansã) adora a guerra;
 11. Yeyé Oké, guerreira e caçadora, habilidosa, esposa de Oxossi, criou os filhos dele com lansã;
 12. Yeyé Ipondá, guerreira, mas usa espada e leque, apesar de brava é doce e maternal;
 13. Yeyé Merin - Merim (Iberin), feminina, elegante, coquete (irmã de Ewá);
 14. Yeyé Popolokun, é cultuada perto de lagoas, não "desce" nas filhas;
 15. Yeyé Odó, mora nas nascentes dos rios;
 16. Ajagira, muito guerreira.
- Símbolo comum a todas as qualidades: o leque e o espelho, às vezes usado como arma para ofuscar a visão dos inimigos.
- CORRESPONDÊNCIAS
Número: 5
Cor: amarelo-ouro
Metais: ouro, bronze, latão e cobre
Pedras: topázio, citrino e âmbar
Presentes para Ihe ofertar: flores amarelas (girassóis, rosas), perfume, leite de coco, favo de mel, fubá com canela, cabaça com penas vermelhas e um ovo, pulseira ou moedas de cobre
Saudação: eri yeyé ó!



Humanos e Plantas em Coevolução

Em genética de populações, coevolução é o fenômeno pelo qual diferentes espécies se modificam ao longo das gerações como resultado da interação que acontece entre elas.

Um exemplo clássico é a evolução de muitas das substâncias de defesa produzidas pelas plantas. As plantas que consideramos venenosas são plantas que produzem substâncias tóxicas que as protegem do ataque dos herbívoros. Vejam o caso da "comigo-ninguém-pode", que é uma planta ornamental muito linda que produz um látex urticante e venenoso. A sua toxicidade é devida à produção de cristais de oxalato de cálcio em forma de agulhas, as ráfides. Pode ser que sua ancestral não tivesse ráfides. As plantas eram provavelmente devoradas frequentemente por diversos herbívoros. De repente, uma mutação fez com que uma planta com ráfides surgisse. Essa, não tendo sido devorada pelos herbívoros, produziu muito mais sementes que as que não possuíam ráfides. Suas sementes se espalharam de tal forma que a proporção de plantas que produziam ráfides foi aumentando cada vez mais ao longo das gerações, dada sua vantagem sobre as que não produziam ráfides, até que todas as plantas dessa espécie são hoje produtoras de ráfides. Esse fenômeno pode ter acontecido muitas vezes e de diversas formas ao longo da evolução da comigo-ninguém-pode. Pode ser que uma mutação antiga tenha levado à produção de uma outra substância qualquer que fosse tóxica a algum herbívoro. Pode ser que, logo depois, tenha surgido uma mutação em um indivíduo da espécie que a consumia, por exemplo, uma lagarta, que permitiu com que seu sistema digestivo decompusesse a substância tóxica. Sendo uma das únicas a sobreviver, teria deixado proporcionalmente mais descendentes do que as outras. Esses descendentes, tendo maior aptidão com relação às outras lagartas para digerir a folha da comigo-ninguém-pode, teriam se multiplicado com vantagem sobre os demais, até que depois de algumas gerações, todas as lagartas existentes eram capazes de digerir a substância tóxica. Isso é coevolução, as espécies se modificando ao longo das gerações em função da pressão de seleção resultante da relação com outras espécies.

A domesticação, por outro lado, é o processo pelo qual as plantas e bichos que usamos para suprir as nossas necessidades são modificadas por nós, seres humanos, ao longo das gerações, de forma que as modificações atendam aos nossos interesses. É assim que hoje há milhos com grãos e espigas grandes e nutritivos bem diferentes dos grãos da planta que lhe deu origem, o teosinte. Agricultores e agricultoras, ao longo das gerações, escolheram os grãos maiores e mais produtivos, e o milho foi sendo transformado para atender aos nossos interesses.



Venho pensando sobre algumas plantas que nós, humanos, usamos há muitas gerações na forma de chás, medicinais, magias. As plantas medicinais, aromáticas e mágicas. Há milênios, plantas como a sálvia, o manjeriço ou a mirra vêm sendo plantadas e utilizadas pelos seres humanos. E há milênios nós as podemos e colhemos. Acho que é por isso que muitas plantas exigem que as podemos para continuarem vivas. O manjeriço é assim. Se não for podado quando está em flor, acaba morrendo logo depois de florescer. Se o podamos na época certa, pode continuar vivendo por anos. É assim também com a pimenta. Ela fica muito mais saudável se estamos sempre colhendo seus frutos. Se os deixamos secar na planta, ela acaba definhando e morrendo.

Na natureza, a coevolução leva à transformação (e evolução) de todas as espécies envolvidas na relação. Temos, há milhares de anos, provocado mudanças nas plantas como resultado da seleção das sementes para plantio e como resultado do manejo ao qual as submetemos. E nós, humanos? Essas relações que temos com as plantas... como têm nos modificado? O que estamos dispostos a deixarem modificar? Ainda que mais para a poesia do que para a ciência, penso que vale pensarmos em como nossa relação com as plantas pode nos levar a coevoluirmos para o benefício de ambos, intrincados evolutivamente e dispostos a sentirmos como essas mudanças podem nos conduzir ao mundo de paz e abundância com o qual sonhamos...

Próximos Encontros 2012

Workshop
com Mirella Faur

*Reverência às Mães Ancestrais Africanas (Iya Mí) e
Celebração dos 16 Aspectos da Deusa Oxum*



Dia: 08 de dezembro de 2012

Horário: 8:30 às 17:30

Local: Village dos Colibris

Energia de troca: R\$90,00
(almoço e lanches incluídos)

Inscrições pelo e-mail
workshop@teiadethea.org

Contato :
Inês: 8233 7949

*A lista de material necessário será entregue após a inscrição.

Somente para Mulheres

Ritual de Cura

Círculo de Luz para a Mãe Terra

Data: 12 de dezembro de 2012, às 20h

Vestir roupas brancas. As mulheres devem usar saia ou vestido. Levem seus agasalhos.

Trazer:

- * 1 vela branca dentro de um copo
- * 1 cristal de quartzo natural (sem ser lapidado) mas com a ponta inteira
- * tambor ou chocalho



Aberto, também, aos homens

Celebração do Solstício

O Fogo Sagrado da Família

Data: 21 de dezembro de 2012, às 20h

Aberto, também, aos homens

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília DF

Energia de troca R\$ 15,00

☆☆☆

Maria,

Vejo que nesses últimos tempos você costura as horas com fios coloridos, canalizando sua criatividade com devoção e alegria. Assim como tantas outras mães, você encontrou na criatividade um reflexo da minha presença em sua vida, semeando o que você chama de "pontos de luz". Mas o que fazer com toda energia criativa que sobeja, permeando outros espaços da sua vida? É necessário zelar, para que ela não flua para águas obscuras, como quando você se atreve a formar conceito sobre a postura de alguém, que não você mesma.

A sabedoria, companheira indispensável do juízo crítico, pressupõe o conhecimento, o mergulho na mente e no coração. E, como há limites nesse mergulho quando se aventura além do próprio território, proponho que você direcione a luz de sua criatividade para o entendimento de suas próprias questões, de seus impulsos, desde os mais óbvios até aqueles que seu pudor desejaria negar. Só então, como semente adormecida em solo fértil, seu entendimento florescerá.

Esta é a magia que seu coração anseia, acredite. É uma fonte de luz que abençoa a humanidade através dos tempos: o autoconhecimento. Permita-se essa busca, filha querida! E sua vida não será em vão, e os pontos de seu bordado encontrarão mais sentido. Que você renove sua determinação, unindo os pontos, conforme um dia você aprendeu. Do centro de tudo, onde a Verdade é conhecida, eu aguardo seu despertar. Ao trabalho, jardineira!

Em bênçãos de sabedoria,

Aquela que é.

